



ACÇÃO SOCIALISTA



PORTUGAL DESPEDIU-SE DA FIGURA DA LIBERDADE

**OBRIGADO,
MÁRIO SOARES**

1924-2017

CERIMÓNIAS FÚNEBRES DE ESTADO DE MÁRIO SOARES

OBRIGADO, MÁRIO SOARES

Na cerimónia de homenagem a Mário Soares, que teve lugar nos claustros dos Jerónimos, em Lisboa, João e Isabel Soares evocaram a coragem política do seu pai, descrevendo-o como um “homem livre” e como uma das “grandes figuras do Portugal democrático”, que sempre soube enfrentar os momentos difíceis antes do 25 de abril de 1974, sem se lhe ouvir um “queixume, uma palavra de desalento ou de desânimo”.

João Soares lembrou que o pai “viveu mais tempo em ditadura do que em liberdade”, preso pela Pide 13 vezes, “contando com a deportação para São Tomé e Príncipe” e forçado ao exílio em Paris, durante quatro anos, onde “fez uma vida simples, como podemos testemunhar”, soube enfrentar todas as privações à sua liberdade, impostas pelo ditadura, com “grande dignidade e mostrando sempre uma enorme coragem”. De cravo vermelho ao peito, João Soares contou algumas estórias da passagem do pai pelas prisões do Estado Novo, garantindo que, quando o iam visitar ao parlatório do Aljube ou a Caxias, tanto ele como a irmã Isabel cumpriam, à risca, a recomendação da mãe e do avô, de que “à frente dos pides não se chorava”. O filho do fundador do PS quis ainda lembrar a mãe, Maria de Jesus Barroso, e o avô, João Soares, que, como enfatizou, também “não podiam deixar de ser lembrados neste momento”. João Soares terminou a sua intervenção de forma emotiva, despedindo-se com um “adeus querido pai”.

Exemplo de ânimo e coragem

Com a voz embargada, a filha Isabel Soares lembrou os “tempos difíceis” que Mário Soares passou nas prisões da Pide, pela deportação para São Tomé ou pelo exílio em Paris, sem todavia se ter ouvido, da sua parte, como lembrou, “um

único queixume ou uma palavra de desalento ou de desânimo”. A filha de Mário Soares recordou ainda “os dias de chumbo” da ditadura, lembrando que, quando visitavam o pai na prisão, “cheios de raiva e de lágrimas” contidas, era o “pai que nos dava alento, nos consolava e nos dava ânimo”. Foi ele, acrescentou ainda Isabel Soares, que “nos ensinou desde muito pequeninos a não ter medo do escuro nem das ondas do mar da Foz do Arelho”, mas também a “nunca desistir e de lutar sempre por aquilo em que acreditávamos”. Antes, Isabel Soares tinha invocado a memória da mãe, referindo-se ao poema que se ouviu nesta homenagem, lido por Maria de Jesus Barroso, mencionando que “foi nossa vontade que a voz da nossa mãe estivesse aqui, neste momento de despedida”, sublinhando que Mário Soares e Maria de Jesus Barroso “tinham a mesma dimensão”, o que “era o nosso maior orgulho”. Mário Soares partiu como sempre viveu, disse Isabel Soares, a “lutar até ao fim e ladeado pelos seus dois filhos”, despedindo-se emocionada com um “até sempre pai”.

A emoção, as palmas, a música e a poesia marcaram a sessão solene evocativa, que juntou mais de 500 convidados nacionais e estrangeiros nos claustros do Mosteiro dos Jerónimos, no mesmo local onde Mário Soares, então primeiro-ministro, assinou a 12 de junho



CRÉDITOS: MIGUEL FIGUEIREDO, LOPEZ/REPÚBLICA DA REPÚBLICA

de 1985 o tratado de adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (CEE).

Depois de se ouvir o hino nacional e a voz de Mário Soares proferindo o início do discurso da cerimónia de assinatura do tratado de adesão à CEE, entrevistaram João e Isabel Soares, ouvindo-se também a voz de Maria de Jesus Barroso declamando “Os dois poemas de amor da hora triste”, de Álvaro Feijó.

Intercaladas por intervenções musicais do coro do Teatro Nacional de São Carlos e da Orquestra Sinfónica Portuguesa, foi depois a vez das intervenções do presidente da Assembleia da República, Eduardo Ferro Rodrigues, do primeiro-ministro, António Costa, através de uma mensagem gravada na Índia, e do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa.

A cerimónia terminou com o hino nacional e palmas dos convidados, antes de a urna sair dos claustros para o cemitério dos Prazeres, num percurso acompanhado por muitos populares, efetuando paragens em frente da Assembleia da República e da sede nacional do Partido Socialista, no Largo do Rato.

Aguardado por muitas centenas de pessoas, entre fundadores do Partido Socialista, dirigentes, militantes e cidadãos, o cortejo foi recebido com emoção, afeto e muitas flores lançadas para cima da urna. ■



CRÉDITOS: LUIS SARAIVA



A voz de **Mário Soares** ouviu-se nos altifalantes do Largo do Rato, numa evocação intemporal: “Viva o socialismo! Viva a liberdade!”.

SECRETÁRIOS-GERAIS DO PS EVOCAM LEGADO DO LÍDER HISTÓRICO, MÁRIO SOARES

O PRINCIPAL E DECISIVO FUNDADOR DO PS

Mário Soares foi o "homem da liberdade, da democracia e o homem que virou Portugal para a Europa". É desta forma que o ex-Presidente da República, **Jorge Sampaio**, recorda o legado de Soares, destacando a "resiliência" e o "amor à vida" daquele que considerou ser "o principal e decisivo fundador do PS".

"O que mais impressionava era essa resiliência, capacidade de resistência e de enorme amor à vida", afirmou, recordando-o como um homem de luta.

"Surpreendeu a sua extraordinária capacidade de luta desde muito jovem. Esteve sempre na primeira linha", declarou Jorge Sampaio, que liderou o Partido Socialista entre 1989 e 1992.

Destacando o percurso de Soares na luta pela democracia e o papel que teve na adesão ao projeto europeu, Jorge Sampaio considerou que Mário Soares "é consubstancial à modernidade portuguesa" e realçou o facto de nunca ter desistido de construir um país melhor, mesmo quando a luta se fez a partir do exílio político.

"Nunca perdeu Portugal de vista. Sempre acreditou naquilo que seria vital para o país", frisou Sampaio, assinalando que o seu desaparecimento é "um momento de profunda perda para Portugal e para a Europa".

O MAIOR POLÍTICO PORTUGUÊS DO SÉCULO XX

O também antigo Secretário-geral socialista, **Vítor Constâncio**, realçou Mário Soares como "o maior político português do século XX", destacando a sua influência decisiva para o regime democrático e a participação de Portugal no projeto europeu.

Foi o "mais influente nos destinos estruturantes da nossa modernidade. Democracia e participação no projeto europeu foram as ideias mestras pelas quais se bateu toda uma vida e que felizmente para todos nós conseguiu realizar. Esse é o essencial legado que nos deixa", recorda.

"Espero que o país lhe saiba agradecer devidamente. Pessoalmente, sinto a sua perda como a de um amigo que marcou a minha vida e que assim sempre recordarei", sublinha Constâncio, que sucedeu a Soares na liderança do PS, em 1986. Recordando as "muitas décadas de convívio, amizade, partilha de valores e combates políticos", Vítor Constâncio afirmou o seu tributo "ao homem livre, ao cidadão, ao estadista, aquele que foi realmente o mais marcante na vida portuguesa no século XX".

UM HOMEM EXTRAORDINÁRIO E INSPIRADOR

Secretário-geral do PS entre 2004 e 2011, o antigo primeiro-ministro **José Sócrates** lembrou o percurso e a vida "inspiradora e motivadora" de Soares, enaltecendo "a memória de um homem que foi absolutamente extraordinário na vida política portuguesa".

"A biografia política de Mário Soares vive para a história, foi talvez o político mais carismático do século XX, que se bateu em primeiro lugar contra a ditadura e foi capaz depois do 25 de Abril de ter encarnado o crisma da reconciliação", afirmou José Sócrates, recordando ainda "um grande companheiro e amigo" de grande convicção, coragem e firmeza, por quem sente um "carinho e um amor fraternal". "Acho que o país olha para o desaparecimento de Mário Soares como se desaparecesse parte de nós, um sentimento de perda não apenas dos socialistas. Mas deixa uma cultura dentro do PS, formou este partido com base na sua coragem e ambição", sublinhou.

PRINCIPAL ARTÍFICE DO PORTUGAL DEMOCRÁTICO

António José Seguro, Secretário-geral do Partido Socialista entre 2011 e 2014, prestou também homenagem a Mário Soares, considerando o antigo chefe de Estado como "o principal artífice do Portugal democrático" que deixa "quatro marcos importantes e indelévels" na história do país.

A "luta contra a ditadura, o apoio que deu aos presos políticos, o exílio por que teve de passar e as três décadas de resistência, a fundação do PS - um partido estruturante da vida democrática, a opção europeia e a opção democrática da nossa revolução", enumerou.

Um legado que, na opinião de António José Seguro, faz com que "ao nome de Mário Soares fique sempre associados liberdade, democracia e Europa".

A evocação da memória e do legado de Mário Soares, por parte de todos os antigos Secretários-gerais do Partido Socialista, tinha já sido expressa através da intervenção gravada do atual primeiro-ministro, António Costa, que integrou a cerimónia de homenagem no Mosteiro dos Jerónimos, o depoimento do atual presidente da Assembleia da República, Eduardo Ferro Rodrigues, e a mensagem expressamente dirigida por António Guterres, secretário-geral das Nações Unidas, de Nova Iorque. ■



EDITORIAL

SEMPRE
À FRENTE
DO SEU TEMPO

EDITE ESTRELA

O PS está de luto. Luto carregado de tristeza profunda. Morreu Mário Soares. Como é doloroso escrever estas palavras.

Precisamente um mês depois de completar 92 anos, talvez porque "viver sempre também cansa", num sábado soalheiro, partiu o fundador e primeiro Secretário-geral do PS. Com a morte do "pai da democracia", não apenas os socialistas, mas todos os democratas, sentem uma dolorosa orfandade. Portugal perdeu a figura maior da sua história contemporânea, o símbolo e a memória viva da oposição à ditadura e da conquista da democracia.

Júlio Pomar escreveu que a vida é um dicionário em movimento. A vida pessoal e política de Mário Soares não cabe nas páginas do Moraes ou do Houaiss, obriga a reinventar as palavras a que outros tiraram o brilho. A sua vida é história viva e colorida, é debate de ideias e combate por ideais, é coragem física, política e moral. É determinação e luta por convicções, princípios e valores. É exemplo para os mais novos.

Mário Soares esteve sempre presente nos grandes momentos do Portugal democrático. Ele foi o visionário que integrou Portugal nas Comunidades Europeias e teve a "Europa conosco". Que na Fonte Luminosa defendeu a liberdade e a democracia. Que anteviu os riscos da globalização desregulada e o desastre da "economia de casino" e do "caminho único". Que defendeu "o direito à indignação mesmo antes de existirem indignados". Que esteve sempre à frente do seu tempo.

Há recordações que guardarei para sempre. A minha admiração incondicional pelo Presidente Soares remonta a 1989, quando tive o privilégio de representar o PS na visita de Estado à Holanda e à Hungria. Pouco tempo antes da partida, soube-se que o João tinha sofrido o acidente na Jamba. Com o filho entre a vida e a morte, julguei que o Presidente cancelasse a viagem. Percebi então que ser presidente da República impõe deveres que o comum dos mortais não aceitaria. Deduzi que há funções que limitam a liberdade pessoal de quem as exerce. E compreendi que há qualidades que uns têm e outros não. Só um grande estadista, em tais circunstâncias, colocaria acima da tragédia familiar a representação externa do Estado português.

Na prisão da ditadura, aos vinte anos, conta Pomar que, entre os jogos e brincadeiras com que iludiam o tempo, se punham a adivinhar o futuro de cada um e alguém vaticinou "tu, Mário, vais ser presidente da República". Ao que ele retorquiu, voltado para Pomar, "e tu vais ser um grande pintor". Acertaram. E como sempre aconteceu nos cargos que desempenhou, também na Presidência da República, Mário Soares deixou a sua impressão digital. Transformou, inovou, modernizou. Levou a Presidência a todo o país e aproximou as pessoas de Belém. Obrigada, Mário Soares, por nos ter dado tudo o que é importante. ■

MENSAGEM DO PRIMEIRO-MINISTRO
ANTÓNIO COSTA

CERIMÓNIAS FÚNEBRES DE ESTADO DE MÁRIO SOARES
Mosteiro dos Jerónimos, 10 de janeiro de 2017

MÁRIO SOARES

“O ROSTO E A VOZ DA NOSSA LIBERDADE”



O primeiro-ministro juntou-se à sessão evocativa de homenagem a Mário Soares no Mosteiro dos Jerónimos, através de uma mensagem em vídeo em que recordou “o rosto e a voz” da liberdade em Portugal.

Senhor Presidente da República,
Senhor Presidente da Assembleia da República,
Excelências,
Famíliares, amigos, admiradores e camaradas de Mário Soares,
Minhas Senhoras e Meus Senhores,
Cara Isabel, Caro João,

Entregamos hoje às gerações futuras a memória de um grande português de quem tivemos o privilégio e a honra de ser contemporâneos. Mário Soares construiu a história e, por isso, a história guardará o seu nome, a sua obra, o seu exemplo. É um exemplo de combate constante por aquilo em que acreditava. É um exemplo de coragem de dizer o que pensava e de fazer o que devia, ainda que fosse o único a dizê-lo e a fazê-lo, mesmo que ficando por uns tempos, apenas por uns tempos, sozinho. É um exemplo de génio político, que alcançava o que parecia impossível de alcançar. É um exemplo de amor à vida e de energia criadora. É um exemplo de político que, até ao fim, se assumiu integralmente como tal, consciente de que a política, feita com idealismo e convicção, é uma das mais nobres atividades humanas, por ser um serviço prestado à comunidade e ao país: “Unir os portugueses. Servir Portugal”, como dizia um dos seus lemas. Evocar Mário Soares, prestando-lhe homenagem no momento da sua morte, é falar da sua vida, porque foi sempre em

nome da vida - e da liberdade que a enaltece - que ele lutou, sofreu, agiu, transformou, edificou, viveu. Filho de um grande pedagogo, republicano idealista e resistente contra a ditadura, Soares foi educado nos valores que, atualizados pela evolução das ideias e do mundo, foram sempre os da sua vida: liberdade, igualdade, fraternidade. Republicano, laico e socialista, assim se disse e assim se quis. E poderíamos acrescentar: humanista, universalista, português, europeu e cidadão do mundo. Na sua ação, Soares aliou sempre idealismo e realismo, convicção e ação, política e cultura, consciência da história e das lições do passado com visão criadora e ambiciosa do futuro. Como já se disse, Soares pode ter-se enganado às vezes no acessório, mas nunca se enganou no fundamental. E o fundamental para ele era a visão que tinha do país, da Europa e do Mundo. Acreditou sempre que Portugal é uma grande Nação, com uma grande história, embora, na linha de António Sérgio, seu

mestre, distinguisse nela duas tradições antagónicas: a democrática, aberta e progressista; e a obscurantista, reacionária e autoritária. Ele era orgulhosamente herdeiro da primeira e foi em nome dela que fez política. Lutou sempre por um país livre e democrático, com desenvolvimento e justiça social, consciente do seu lugar no mundo e da importância da sua situação geoestratégica, do seu mar, da sua língua, da sua cultura, dos seus laços com outros povos. Lutou por uma Europa como comunidade de ideais e de valores, fundada na igualdade dos seus membros, na partilha de objetivos e interesses, na solidariedade e na cooperação, capaz de ser uma grande força de paz e de progresso no mundo do século XXI. Foi em nome dessa visão, que Soares exerceu os mais altos cargos e assumiu as maiores responsabilidades. Resistente à ditadura, deportado, exilado, fundador e Secretário-Geral do Partido Socialista, ministro dos Negócios Estrangeiros, Primeiro-Ministro, vice-

-presidente da Internacional Socialista, deputado, líder da oposição, Presidente da República, Presidente do Movimento Europeu, deputado ao Parlamento Europeu, Presidente da Comissão Mundial dos Oceanos, Presidente da Comissão de Liberdade Religiosa, Presidente da Fundação de seu nome, autor de dezenas de livros, em todas as condições e circunstâncias, Soares foi inspirado por essa grande visão humanista. Com ela, configurou o Portugal democrático e foi o autor das suas opções fundamentais, tornando-se o principal fundador da Democracia Portuguesa e um dos portugueses mais prestigiados no Mundo. Com essa visão, construiu o Estado de direito social e fez reformas que tornaram Portugal um outro e melhor país. Mário Soares foi, em momentos decisivos, o rosto e a voz da

nossa liberdade. Desse título, que era certamente aquele que mais lhe agradava, raros homens se podem orgulhar.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Em Mário Soares, o homem público era inseparável do homem privado. Quem o conheceu não esquece o seu amor pela vida e pelas suas coisas boas. A sua coragem ímpar e a sua tenacidade inabalável. A sua cultura viva e vivida. A sua audácia criadora e a sua astúcia divertida. A sua energia, que mobilizava e inspirava. O seu otimismo que nunca desistia e as suas gargalhadas contagiadas. A sua capacidade de prever e advertir. As suas fúrias terríveis e passageiras. A sua avidez de viver, de conhecer, de descobrir, de encontrar. A sua grandeza e a sua sabedoria.



Grande contador de histórias, conversar com ele era uma experiência exaltante, inesquecível. A sua capacidade humana de comunicar era a outra face da sua aptidão política de convencer.

Em suma, como tantos dissemos muitas vezes, "Soares é fixe!".

Agora, como num filme, vemos as imagens de uma vida que foi também, em muitos momentos, a nossa vida, a vida de todos nós. A militância no MUD Juvenil, a sua participação nas campanhas dos Generais Norton de Matos e Humberto Delgado, a sua partida para a deportação em S. Tomé e a carga policial que se abateu sobre os manifestantes no aeroporto, a campanha da CEUD em 1969, a fundação do PS em Bad Münstereifel, a chegada a Santa Apolónia, o primeiro 1º de Maio, o comício da "Europa Connos-

co", a Fonte Luminosa, a maratona do debate do programa do I Governo Constitucional na Assembleia da República, a assinatura, neste claustro em que o homenageamos, do Tratado de Adesão de Portugal à CEE, a Marinha Grande, a vitória na eleição presidencial de 1986, as Presidências Abertas e depois, de novo, as manifestações contra a guerra no Iraque, o jantar dos seus 80 anos, as sessões cívicas na Aula Magna da Universidade de Lisboa para defender a Constituição.

Senhor Presidente da República,
Senhor Presidente da Assembleia da República,
Altas Autoridades,
Familiares, amigos,
admiradores e camaradas de Mário Soares,
Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Despedimo-nos de Mário Soares neste lugar histórico e simbólico da realização de um dos grandes acontecimentos da nossa história contemporânea, de que ele foi o protagonista: a nossa entrada na Europa. Ele quis, como ouvimos, ligar esse acto à nossa história e ao nosso pioneirismo nas Descobertas, que nos tornou um dos grandes países fundadores do mundo moderno. Neste claustro, está também o túmulo de Fernando Pessoa, que para aqui foi trasladado por sua iniciativa, quando era primeiro-ministro. Podemos, por isso, afirmar que, neste lugar cheio de significado e ressonância, reencontramo-nos com a sua vida e com a memória coletiva do que nunca esqueceu, a nossa História e a nossa Cultura.

Nesta hora de luto nacional, quero, como Primeiro-Ministro de Portugal e seu amigo, teste-

munhar o nosso afeto e a nossa gratidão comovida por tudo o que Mário Soares foi e por tudo o que Mário Soares fez.

Evoco também, neste momento e com um pensamento de saudade, a figura ímpar e inseparável de Maria de Jesus Barroso. Dirijo à Família, ao João e à Isabel, aos netos, a minha solidariedade amiga.

A única consolação que podemos ter, nesta hora de tristeza, é a de que, para homens como Mário Soares, a morte existe menos do que para os outros. Da lei da morte, como disse Camões, eles libertaram pelas obras valorosas da sua vida. Com a memória de Mário Soares presente em nós, continuaremos o seu combate por um Portugal melhor.

Obrigado, Mário Soares.
Viva a Liberdade!
Viva a República!

Mensagem, em vídeo, de **António Costa**, exibida nas cerimónias fúnebres de Estado de Mário Soares, no Mosteiro dos Jerónimos, a 10 de janeiro de 2017.



Viva Portugal! ■



DIRETOS: RUI OCHOA/PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

DISCURSO DE
ISABEL SOARES

CERIMÓNIAS FÚNEBRES DE ESTADO DE MÁRIO SOARES
Mosteiro dos Jerónimos, 10 de janeiro de 2017

**“SÓ É VENCIDO
QUEM DESISTE
DE LUTAR”**
O PAI PARTIU COMO VIVEU,
A LUTAR ATÉ AO FIM

Foi nossa vontade que a voz da nossa Mãe estivesse hoje aqui neste momento de despedida, companheira que foi, exemplar, de 66 anos de vida comum e de paixão total. Escolhemos estes "Dois Sonetos de Amor da Hora Triste", do Álvaro Feijó, porque Ela os dizia como ninguém e porque representavam bem a vida e o amor que foi o deles.

O olhar de uma filha é sempre um olhar embaciado pela emoção e pela ternura.

O Pai era, para o João e para mim, o nosso herói. Quando o Pai estava tudo parecia seguro e tranquilo.

Ensinou-nos deste muito pequeninos a não termos medo do escuro, nem das ondas do mar da Foz do Arelho.

E nos dias cinzentos e de chumbo da ditadura, quando o íamos visitar ao parlatório do Aljube ou a Caxias, cheios de raiva contida e de lágrimas, porque a Mãe e o Avô nos diziam que não podíamos chorar na presença dos pides, era ainda e sempre o Pai que nos dava alento, nos consolava e nos dava ânimo.

Foram tempos difíceis esses das prisões, da deportação em

S. Tomé e do exílio em Paris, mas que nos uniram como Família para sempre. Nunca durante esse tempo lhe ouvi um queixume, uma palavra de desalento ou de desânimo. Era o contrário! Era sempre Ele a consolar-nos!. Era uma palavra de esperança e de certeza de que tudo iria mudar e que a liberdade estava para breve.

Como o Pai dizia permanentemente *só é vencido quem desiste de lutar!* E foi essa a imagem que nos passou. Nunca desistir e lutar sempre por aquilo em que acreditávamos.

Em 1974 foi a explosão da liberdade e da democracia e eu reencontrei o Pai. E nesses dois anos da revolução em que havia manifestações e contra-manifestações todos os dias, andámos sempre juntos para todo o lado. Fizemos todas as campanhas de norte a sul do país, os dois sozinhos no nosso velho Renault 16.

Foi uma época exaltante em que se discutia tudo e em que tudo era possível, mas foi também e sobretudo de uma grande cumplicidade entre nós os dois. Cumplicidade que ficaria até ao fim.

Partilhávamos os mesmos

gostos, dos livros aos quadros, aos amigos, aos banhos de mar e até às gravatas e aos fatos que íamos escolher juntos.

E depois havia Paris, onde ambos estivemos em períodos diferentes. O prazer das idas às livrarias, dos jantares na Coupole ou no Balzar, ou de apenas flunar nas ruas do Quartier Latin. O Pai ensinou-nos a adorar a vida, a aproveitarmos cada minuto e a retirarmos o lado positivo mesmo das situações mais adversas.

A Mãe dizia que éramos iguais de feitio, apaixonados e coléricos.

Depois afastei-me para me encontrar comigo própria. Deixei as campanhas e a vida partidária e virei-me para a minha

profissão e para o Colégio Moderno, mas era ao Pai que voltava sempre quando tinha alguma dúvida ou precisava de um conselho. O Pai estava lá sempre presente, sempre com tempo para ouvir. Da mesma forma que o Pai me procurava quando queria saber a minha opinião, mesmo que depois fizesse o que quisesse, como na última campanha de 2006.

Nunca nenhum de nós, seus filhos, lhe faltou com o nosso amor incondicional. Aprendemos essa lição de vida da nossa Mãe. E é justo dizer isso aqui que o Pai nunca teria feito o que fez ou chegado onde chegou sem a presença tranquila, serena e doce, mas firme, dessa mulher admirável que foi a

sua. Tinham a mesma dimensão. E esse é o nosso maior orgulho.

Não sei como vamos viver sem si, sem a sua presença, e sobretudo sem os nossos almoços de domingo em que todos discutíamos ao mesmo tempo e nos atropelávamos no entusiasmo das palavras. Como diziam os nossos amigos: é muito difícil seguir uma conversa nesta mesa.

O Pai partiu como viveu, a lutar até ao fim, e rodeado pelos seus dois filhos, com a sua mão na minha. Posso garantir que todos nós, seus filhos e netos, honraremos a sua memória e manteremos viva a sua imagem e a sua Fundação.

Como dizia Baudelaire:

***"Ô Mort, vieux capitaine, il est temps! Levons l'ancre!
(...), ô Mort! Appareillons!
Si le ciel et la mer sont noirs comme de l'encre,
Nos coeurs que tu connais sont remplis de rayons!"***

Até sempre Pai. ■

“OS DOIS SONETOS DE AMOR DA HORA TRISTE”

DECLAMADO NAS CERIMÓNIAS FÚNEBRES DE ESTADO DE MÁRIO SOARES

Quando eu morrer - e hei de morrer primeiro
Do que tu - não deixes de fechar-me os olhos
Meu Amor. Continua a espelhar-te nos meus olhos
E ver-te-ás de corpo inteiro.
Como quando sorrias no meu colo.
E, ao veres que tenho toda a tua imagem
Dentro de mim, se, então, tiveres coragem,
Fecha-me os olhos com um beijo.
(Eu, Marco Pólo)
Farei a nebulosa travessia
E o rastro da minha barca
Segui-los-á em pensamento.
Abarca
Nele o mar inteiro, o porto, a ria...
E, se me vires chegar ao cais dos céus,
Ver-me-ás, debruçado sobre as ondas, para dizer-te adeus,

II

Não um adeus distante
Ou um adeus de quem não torna cá,
Nem espera tornar. Um adeus de até já,
Como a alguém que se espera a cada instante.
Que eu voltarei. Eu sei que hei de voltar
De novo para ti, no mesmo barco
Sem remos e sem velas, pelo charco
Azul do céu, cansado de lá estar.
E viverei em ti como um eflúvio, uma recordação.
E não quero que chores para fora,
Amor, que tu bem sabes que quem chora
Assim, mente. E, se quiseres partir e o coração
To peça, diz-mo. A travessia é longa... Não atino
Talvez na rota. Que nos importa, aos dois, ir sem destino?

Poema de Álvaro Feijó,
declamado pela voz
de **Maria Barroso**
a Mário Soares.





MÁRIO S

O ROSTO E A VOZ

1924-



SOARES

Z DA LIBERADE

2017





DISCURSO DE

JOÃO SOARES

 CERIMÓNIAS FÚNEBRES DE ESTADO DE MÁRIO SOARES
 Mosteiro dos Jerónimos, 10 de janeiro de 2017

UM TESTEMUNHO DE RESPEITO,
 ADMIRAÇÃO E TERNURA POR

MEU PAI, MÁRIO SOARES

Senhoras e senhores,
 Excelências,

No início de Dezembro de 1967 a polícia política prendeu, mais uma vez, o meu pai. Passou então o Natal e o Ano Novo de 1968 na prisão de Caxias, com uma visita da família, uma vez por semana, quinze minutos, no parlatório separados por grades. Depois, em meados de Fevereiro de 1968, soltaram-no. Voltou a casa, vindo da António Maria Cardoso de táxi, com um largo sorriso nos lábios. Foi ao Algarve com a minha mãe, por dois ou três dias. Sempre ostensivamente seguidos por Pides. Almoçaram lá com os seus amigos Francisco Sousa Tavares e Sofia Melo Breyner que testemunharam o ostensivo aparato dos esbirros. Mal voltaram a Lisboa, a PIDE voltou a prendê-lo. Comunicaram-nos, a minha mãe e a mim, que nos deslocámos à sede da PIDE, que o iam deportar para São Tomé, no dia seguinte. Decisão do Conselho de Ministros, disseram. Mentira, o Conselho de Ministros, então, não reunia. Salazar tomava a decisão com o diretor da PIDE e, se lhe apetecia, mandava assinar aos ministros. Decisão sem julgamento ou sequer audição prévia. Na tarde desse dia da partida noturna para África, num voo que saiu da Por-

tela depois de uma cena de violência estúpida de PIDES. Caso raro, talvez único, para uma carga à bastonada de polícia em espaço público, ter sido feita só por Pides. Nessa tarde, deixaram-nos, à família mais chegada, minha mãe, meu avô (então com oitenta e muitos anos) minha irmã e eu, ter um último encontro com meu pai. Que me lembre, das muitas, curtas e apertadas visitas que lhe fizemos nas suas numerosas prisões, a única que teve lugar numa sala do terceiro andar da PIDE, na António Maria Cardoso. Onde tinham lugar interrogatórios e tortura. Essa "visita" que deve ter durado pouco mais de dez minutos, na presença de esbirros claro, marca mais uma vez, para nós todos, a ténpera, a coragem e a força de ânimo de meu pai. Presentes a partir, não se sabia bem para onde, vítima da violência absurda de uma decisão arbitrária. Nós, a minha irmã e eu, tínhamos aprendido há muito, com a minha mãe e ele, que não se chorava à frente dos PIDES. Dessa vez, apesar do esforço, não fomos capazes de aguentar-nos, bem como o nosso querido avô, seu pai, e minha mãe, sua mulher. Foi ele que nos deu ânimo a todos, firme, digno, corajoso como sempre. Essa é uma das muitas lições belas, e imagens fortes e ternas,

que guardo de meu pai.

Quero, nesta hora triste de despedida, deixar aqui, enquanto filho, um testemunho de respeito, admiração e ternura por meu pai, Mário Soares.

Um respeito, uma admiração e ternura, que se fundam numa proximidade única, tal como a da minha irmã Isabel. E que se prolonga por meus filhos, seus netos, noras, sobrinhos. Uma admiração, ternura e respeito que nada quebrou ao longo de toda uma vida. Nem algumas dificuldades, vividas depois da doença, séria, que meu pai sofreu há quatro anos. Uma ternura, respeito e admiração que se fundam também no exemplo de minha mãe, Maria de Jesus Barroso Soares, sua companheira durante 66 anos, que em circunstância nenhuma poderia deixar de ser referida aqui nesta hora de despedida, também como referência maior da vida de meu pai, Mário Soares, e da nossa família.

Uma ternura, um respeito e uma admiração que têm que ver com o amor à vida, o gosto por viver, que sempre o caracterizaram. Que marcou os bons e os maus momentos da sua vida, tão rica. Uma admiração, respeito e ternura que procurarão sempre prolongar o seu exemplo de amor profundo à nossa terra, Portugal. A sua confiança inquebrantável nos portugueses. Meu pai conhecia Portugal, as suas terras e gentes, maneiras de estar e viver, como poucos. Dos lugares mais recônditos do Continente, às mais distantes freguesias dos Açores e da Madeira. E o Mar português que sempre o encantou e onde adorava nadar. Conhecia, e estudou, sempre, a história de Portugal, com uma paixão e

um entusiasmo, magníficos. Que lhe vieram do exemplo de seu pai, meu avô João Soares, cujo nome não pode também deixar de ser evocado aqui nesta hora triste de despedida.

Uma admiração e respeito que têm que ver com o seu percurso cívico e político de homem livre, de homem de liberdade. Um percurso de intervenção, constante, que marcou Portugal e também de alguma forma a Europa e o mundo, depois da Revolução de 25 de Abril de 1974. Uma Revolução que esperou, e para a qual trabalhou, como costuma lembrar o seu amigo dr. Vasco Vieira de Almeida, durante mais de trinta anos, sempre para o mês seguinte. Uma Revolução onde o seu contributo de homem livre ajudou muito a abrir a Portugal um outro caminho. Meu pai, Mário Soares, afirmou-se como uma das grandes figuras do Portugal democrático, do 25 de Abril. E por mérito da sua intervenção cívica constante, do seu apego a Portugal e aos valores democráticos, ganhou um lugar entre as grandes figuras da Europa da segunda metade do século passado. De par e ombreando com seus companheiros, alguns amigos chegados, como Olof Palme, Tierno Galvan, Bruno Kreisky, Shimon Peres, François Mitterrand, Felipe Gonzalez e primus inter pares, Willy Brandt. Todos, por mais de uma vez, vieram a Portugal a seu convite. E deram provas, algumas bem importantes, de solidariedade e respeito pela nossa Pátria. Ocupou e desocupou, por via eleitoral democrática, os mais elevados e variados cargos políticos. Que sempre procurou exercer, e na minha opinião exerceu, com seriedade e eleva-

ção. Na fidelidade aos seus valores de sempre. Respeitando, por vezes mesmo honrando, adversários políticos. De bem consigo, com o mundo. E nesse plano foi sempre um exemplo extraordinário de alegria e vontade de viver. Nos bons e nos maus momentos da sua longa vida.

O seu modo de estar na vida, e otimismo, vieram-lhe de uma fibra, coragem, determinação e audácia que o marcaram sempre ao longo dos anos de ditadura. Porque, para além dos cargos, responsabilidades e honrarias várias, é bom não esquecer, ele viveu, com os seus 92 anos feitos há pouco, como lembrou há dias Manuel Alegre, mais tempo em ditadura do que em liberdade. E viveu, importa recordar, até para compreender e procurar seguir o exemplo, com uma capacidade de resistência e uma coragem excepcionais. Como uma vez me lembrou, com satisfação, o seu amigo Salgado Zenha. Na direção do MUD Juvenil, presa em 45, só Zenha, meu pai e um outro companheiro se recusaram, firme e taxativamente, a qualquer declaração aos esbirros da PIDE. Meu pai, não sendo o preso político mais tempo privado de liberdade, somou cerca de quatro anos, entre prisão e deportação sem julgamento. Sofreu um número de prisões elevado, treze. Contando com a deportação para São Tomé em 1968. Partiu para um exílio de quatro anos em França, depois de ter vindo, sem nenhuma garantia de que não seria preso, para assistir ao funeral de seu pai. Trabalhou em França durante o exílio, nas Universidades de Nanterre e Rennes. Fez por lá, ao contrário do que disseram as muitas calúnias da ditadura e não só, uma vida

simples. Honrou, sempre, minha irmã e eu somos testemunhas próximas disso ao longo de muitos anos, a sua Pátria Portugal e a sua bandeira. Que, ao contrário do que a PIDE pôs a circular, nunca pisou, pelo contrário sempre ergueu bem alto. Quero sublinhá-lo aqui, mais uma vez, nesta hora da despedida.

Meu pai, Mário Soares, fundou e organizou, com os seus companheiros e camaradas, o Partido Socialista. No momento histórico certo, honra lhe seja por isso. Par-

tido cuja bandeira foi, também, sempre a sua.

Procurou, à sua maneira, ser sempre fiel às suas amizades. Com os percalços naturais numa vida tão longa e tão rica. Entre as quais se contaram e contam algumas das figuras mais ilustres da nossa vida cívica e cultural. De Jaime Cortesão a Miguel Torga, de Aquilino Ribeiro a Agostinho da Silva, de Júlio Pomar a Maria Helena Vieira da Silva, de Salgado Zenha a Manuel Mendes, de Sofia de Melo Breyner a

Manuel Alegre. Sempre constante no amor a Portugal, na convicção firme da nossa capacidade de, portugueses, conseguirmos fazer face às dificuldades e desafios.

Com um sorriso sempre confiante. Como nos habituámos a vê-lo, minha irmã e eu, separados por grades, com um pido no meio, no sórdido parlatório do Aljube em Lisboa. Quando saía dos "curros" para uma visita de quinze minutos por semana. Sem nunca perder a sua firme e digna alegria de viver.

Bem pelo contrário.

Quero assegurar-vos que nós, seus filhos, netos, noras, sobrinhos, procuraremos ser fieis, respeitar e preservar esse património único que meu Pai, Mário Soares, nos deixou a nós e a todos os portugueses.

Agradeço em nome da família ao senhor Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, ao senhor Presidente da Assembleia da República, Eduardo Ferro Rodrigues, e muito especialmente ao senhor Primeiro

Ministro António Costa, enquanto PM e enquanto líder do seu, nosso, Partido Socialista, as honras prestadas a meu pai. Uma palavra final de gratidão a todos os que deram o seu melhor, forças de segurança, militares e civis, para que esta esta cerimónia fosse possível. Muito especialmente a José Manuel dos Santos, e também Jorge Ferreira, que, incansáveis, tiveram um papel decisivo no desenho e realização desta homenagem.

Obrigado. Adeus Pai. ■



INTERVENÇÃO DO PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA **EDUARDO FERRO RODRIGUES**

CERIMÓNIAS FÚNEBRES DE ESTADO DE MÁRIO SOARES
Mosteiro dos Jerónimos, 10 de janeiro de 2017

MÁRIO SOARES **SEMPRE**

so do Aljube; pelo exilado político; pelo líder democrático que se bateu contra a ditadura e a guerra colonial, e que chega a Santa Apolónia a 28 de abril de 1974.

Admiração pelo seu exemplo de coragem.

O lema de Mário Soares foi sempre o mesmo: em política, só perde quem desiste de lutar. E foi assim que em 1986 partiu com sondagens adversas e acabou a ganhar as presidenciais, numa campanha que mobilizou os portugueses.

Tinha uma sintonia impressionante com o povo português.

Os portugueses conheciam-no e ele conhecia bem Portugal e os portugueses.

Mário Soares costumava dizer que não devem ter existido muitos portugueses que num dado momento, entre 1975 e 2005, não tenham votado pelo menos uma vez nele. E também que em certos momentos ou fases não o tivessem combatido.

E de facto foi mesmo assim!

Tinha um gosto contagiante pela vida e pelo País.

Tinha a coragem política dos grandes. Sempre presente, nos momentos bons e nos menos bons.

Quero também manifestar admiração pelo espírito solidário de Mário Soares, que pude testemunhar de perto quando liderei o PS. Ser militante número 1 do Parti-

do Socialista não era para ele um simples privilégio, era mais um motivo para ser o primeiro a dar a cara.

Preferiu sempre a intervenção e o risco ao sofá e à crítica fácil.

Por isso, mais do que militante número 1 do PS, foi o militante número 1 da nossa democracia.

Nem sempre estivemos do mesmo lado da barricada mas hoje reconheço que, na grande maioria das vezes, teve a razão do seu lado. Porque a democracia não deve ter adjetivos. E Portugal é e sempre será europeu.

Tinha a visão dos grandes estadistas e a intuição dos grandes políticos. Pôs sempre Portugal em primeiro lugar.

Bateu-se como um leão até ao último dia, em particular neste derradeiro e comovente combate.

É pois também de gratidão que vos falo.

Uma gratidão pessoal que é partilhada pela esmagadora maioria dos portugueses.

Advogado antifascista, foi democrata ainda durante a ditadura.

Foi um homem aberto à Europa e ao Mundo, quando oficialmente o País ainda estava "orgulhosamente só".

Se é costume dizer-se dos grandes políticos que a sua vida se confunde com a do tempo histórico que viveram, no caso de Mário Soares, é mesmo o último quartel do século XX português que se

confunde com ele, tendo estado em luta contra a ditadura desde meados do século passado e tendo continuado os seus combates nestes anos do século XXI.

Como Deputado e Constituinte, honrou a democracia que ajudou nascer ao lado de tantos antifascistas e dos capitães de abril, que hoje não podem nem devem ser esquecidos.

Como Primeiro-Ministro, deixou-nos as bases do Serviço Nacional de Saúde e a adesão à então Comunidade Económica Europeia, assinada pelo seu punho precisamente aqui nos claustros dos Jerónimos, no final de um cargo que desempenhou acima de tudo com vontade patriótica.

Como Presidente da República, moldou o entendimento que temos do cargo, afirmando Portugal no mundo e abrindo a presidência à sociedade e à cultura.

O Portugal livre, democrático e europeu, o Portugal dos oceanos, cosmopolita e solidário, é o País de Mário Soares.

Mário Soares foi um Grande Português.

Acredito que é assim que a História o lembrará.

Porque é de História que falamos quando falamos de Mário Soares. Mas também de futuro, porque o seu exemplo vai perdurar e inspirar.

Dizia Bertolt Brecht que "Há homens que lutam um dia e são bons, há outros que lutam um ano e são melhores, e há os que lutam muitos anos e são muito bons. Mas há os que lutam toda a vida e estes são imprescindíveis."

Mário Soares lutou até ao fim.

Obrigado Mário Soares. ■

Já muito foi dito nestes dias de tristeza e reflexão.

Como Presidente da Assembleia da República, quero apenas manifestar aqui três sentimentos a propósito do desaparecimento do nosso querido Mário Soares: Sentimentos de Dor, Admiração e Gratidão.

Sou solidário com a dor do João, da Isabel, dos netos e netas, que não há muito tempo perderam a companhia de outro pilar da família: a nossa querida Maria Barroso, grande mulher, grande portuguesa.

Sou solidário com a dor dos deputados à Assembleia da República pelo desaparecimento de uma referência cimeira da nossa De-

mocracia representativa. Sei que da direita à esquerda, esta dor é partilhada.

Sou solidário com a dor dos militantes e simpatizantes do Partido Socialista neste momento em que desaparece o camarada nº 1. Sou solidário com a dor do País que perde um líder político que sempre se bateu por causas e princípios. Um país que se exprime fortemente nestes dias, e marginaliza os saudosistas do ódio.

Ao sentimento de dor junta-se o sentimento de admiração.

Admiração pelo jovem político do MUD (lembro-me de os meus pais me relatarem a sua camaradagem no MUD juvenil), pelo pre-



DISCURSO DO PRESIDENTE DO GRUPO PARLAMENTAR DO PS

CARLOS CÉSAR

SESSÃO PARLAMENTAR EVOCATIVA DE MÁRIO SOARES
Assembleia da República, 11 de janeiro de 2017

PORTUGAL É UM PAÍS SEM O QUAL
O MUNDO NÃO SERIA IGUAL.

DEVEMOS ISSO A MÁRIO SOARES

Senhor Presidente da Assembleia da República, Senhoras e Senhores Deputados, Senhoras e Senhores Membros do Governo,

Esta quarta-feira, 11 de janeiro de 2017, é o terceiro e último dia de luto nacional pelo falecimento de Mário Soares. Esta sessão especial da Assembleia da República, dedicada à sua memória é, porém, a celebração da sua vida e da sua dedicação patriótica ao nosso País – de uma vida longa e plena, no tempo e no modo.

Uma vida que começou um ano e meio antes da queda da Primeira República e do ascenso da Ditadura Militar e subsequente Ditadura Nacional, que se consolidaria no Estado Novo, até 25 de Abril de 1974, data fundadora da Segunda República – como Mário Soares sempre a designou, contrariando o insidioso revisionismo histórico.

Quer isto dizer que Mário Soares viveu, até aos primeiros 49 anos da sua vida, sem conhecer, no seu País, o respeito pelos direitos, liberdades e garantias, públicas e individuais.

Quer isto dizer que viveu a sua infância e juventude sob o signo da perseguição permanente ao seu Pai, o pedagogo distinto

que foi o Dr. João Soares. Quer isto dizer que, sendo quem era, desde que chegou à idade da razão, aos 17 anos, não deu tréguas à opressão durante os 32 anos seguintes. Quer isto dizer que o fez partilhando com a sua mulher, Maria de Jesus, e com os seus filhos, Isabel e João, antes e depois de 1974, os entusiasmos mais íntimos e os sofrimentos mais angustiantes dessas lutas.

Tudo isto quer dizer que sem o Mário Soares antifascista – e sem o seu horror dos justos pelo Estado policial – não teríamos o Mário Soares que viria a ser o maior agente da consolidação da nossa “Democracia Política Representativa Clássica”, para usar a expressão de José Medeiros Ferreira – a Democracia que a todos nos reúne nesta Casa e que nos obriga ao respeito mútuo, à tolerância e à fidelidade aos nossos princípios.

Mário Soares começou, pois, cedo a sua resistência. Em razão da eficiência do combate antifascista entrou para o Partido Comunista Português, como o fizeram tantos outros a quem tanto devemos. Acompanhado e acompanhando aqueles a quem a autonomia da ação e do juízo políticos não dispensavam um livre arbítrio não-consentâneo

com a férrea disciplina partidária, abandonou essa filiação.

E chegamos ao âmago da “persona” política de Mário Soares.

Mais do que o mero herdeiro de um republicanismo mais liberal ou mais social, mais ou menos conspirativo, Mário Soares foi um intérprete privilegiado da necessidade da autonomia de juízo necessária ao líder político.

Autonomia pessoal (passe a tau-tologia) é, pois, a palavra-chave da sua ação política, na resistência e na vida democrática.

Mário Soares cedo se foi apercebendo de que a eficiência do combate ao Estado policial para-fascista português requeria uma exigente plasticidade da luta política. A experiência internacional que foi ganhando confirmou-lhe que na hora da chegada da Democracia, ela só seria sustentável num contexto de entrosamento e compromisso de Portugal com a Europa das democracias liberais e dos Estados sociais de Direito. Foi com esse espírito, e nesse contexto, que Mário Soares pugnou pela constituição do Partido Socialista.

Há aqui uma constante da nossa História, quase desde aquela “primeira tarde portuguesa” que ocorreu em 1139, em São Mamede. Como disse, com elegante beleza, Fernando Morán, o chefe da diplomacia espanhola no primeiro governo de Felipe Gonzalez, a construção de Portugal é “como a de uma catedral, que se sustenta nos seus arcobotantes”. A Europa das Comunidades seria um dos assentamentos desses arcobotantes, sustentáculo estratégico da nossa velha Pátria e da nossa jovem Demo-

cracia. Por conseguinte, “A Europa Connosco”!

Portugal, Estado europeu. Sim. Portugal, Estado atlântico. Claro. Assim no-lo dita a nossa Geografia e a nossa História.

Nada mais natural, por consequência, do que assentarmos, por igual, a nossa especificidade europeia no arcobotante da atlanticidade. Tudo isto se foi exercitando na propositura política e na governação de Mário Soares, com a execução brilhante e inspiradora dos seus ministros dos Negócios Estrangeiros, de Medeiros Ferreira a Jaime Gama – ambos açorianos, isto é, ambos europeus do atlântico.

Não houve tempo, nem chegara o tempo, para a formalização de uma organização que reunisse “o Mundo que os portugueses criaram”, durante os mandatos de Mário Soares, como primeiro-ministro e como Presidente da República. Mas foi durante o seu IX Governo Constitucional que, num discurso na cidade da Praia, em Cabo Verde, o então seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, em 1984, proporia a constituição e o desenho institucional, hoje vigente, de uma Comunidade de Países de Língua Portuguesa. Doze anos depois, a CPLP materializou-se. Estava lançado o arcobotante da Lusofonia. Foi durante o XIII Governo, presidido por António Guterres.

Portugal é um País sem o qual o Mundo não seria igual. Devemos a Mário Soares a lembrança, insistente, constante da nossa vocação e da nossa projeção universal. Por isso, ele percorreu o Mundo, como nosso procurador, ajudando ao nosso reconheci-

mento. Não me recordo de alguma vez ter ouvido Mário Soares definir Portugal como “um País pequeno”. E Portugal é, na realidade, um país de escala mediana, no concerto mundial. Mário Soares nunca pertenceu à categoria dos dirigentes portugueses que diminuem o nosso País no concerto das nações, para justificarem a mediocridade da sua própria ação e ambição e dos seus resultados.

Senhor Presidente da Assembleia da República,

Vossa Excelência disse, numa frase feliz, que Mário Soares mais do que o militante número um do PS foi “o militante número um da democracia” portuguesa. É verdade. Como Presidente do PS, isso orgulha-me!

Mário Soares não foi só o homem que lutou pela democracia no tempo daquilo que foi, literalmente, o nosso “Ancien Régime”, no sentido histórico da expressão, e que por ela batalhou, dentro e fora de portas, no tempo difícil da formação da Segunda República. Foi, porfiadamente, um lutador pelo seu aprofundamento nas suas dimensões económica e social.

Mário Soares desafiou as regras do “Príncipe” na Política. Foi perfeito e imperfeito. Foi ousado e cometeu imprudências. Apostou e ganhou. Apostou e perdeu. Foi fraterno e foi difícil. Nunca foi, porém, desinteressante e muito menos irrelevante. Nunca faltou ao seu País. Era cosmopolita. Foi sempre universalista...

Foi sempre, por conseguinte, um Grande Português!
Viva Mário Soares! ■



INTERVENÇÃO DO MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

AUGUSTO SANTOS SILVA

SESSÃO PARLAMENTAR EVOCATIVA DE MÁRIO SOARES
 Assembleia da República, 11 de janeiro de 2017

DO FUNDO DO CORAÇÃO, OBRIGADO, MÁRIO SOARES

Senhor Presidente,
 Senhoras e senhores
 deputados,

Que os homens e as mulheres são livres e iguais em direitos, e os direitos humanos constituem o fundamento mesmo da sociedade. Os direitos são múltiplos e interdependentes, dizendo respeito às liberdades e garantias pessoais, aos direitos civis e políticos e aos direitos económicos, sociais e culturais. A vida, a dignidade humana, a livre expressão de ideias e crenças, a proteção da lei e o acesso à justiça, a livre associação e participação, a cidadania, do lado das pessoas, e, do lado da organização social, a soberania popular, o primado da lei, a separação e interdependência dos poderes, as eleições livres e justas, a transitoriedade das funções políticas, a imprensa livre e a administração da justiça, representam as condições mínimas para que a sociedade seja forte e o Estado, de direito. Há direitos que o Estado deve respeitar, como a liberdade re-

ligiosa, e outros cuja realização implica a promoção ativa pelo Estado, como os direitos sociais, e todos não de ser harmoniosamente considerados, indivisíveis como são.

Que a democracia é a forma política que melhor permite a institucionalização da sociedade que formamos numa comunidade política onde todos nos possamos sentir representados e de que todos possamos sentir-nos participantes. A democracia é a expressão da vontade popular através de eleições periódicas, livres e justas, é o escrutínio da governação pelo Parlamento, a imprensa e a sociedade civil, é a possibilidade de afastar governos por meios pacíficos, é o respeito pelo pluralismo e a proteção das minorias.

Que a democracia é também o melhor quadro institucional para a promoção da cidadania e o desenvolvimento social, impedindo a discriminação, promovendo a realização dos direitos e proporcionando a satisfação das aspirações das pessoas ao

trabalho e ao bem-estar, à educação, ao ambiente ou à cultura. É a defesa dos bens comuns e do interesse coletivo contra os interesses particulares, a prevalência do poder político sobre os poderes económicos e a regulação dos mercados pelas instituições públicas. É a articulação virtuosa entre, de um lado, a liberdade de iniciativa e troca e, do outro lado, as relações de trabalho, a negociação coletiva e a concertação social, a distribuição do rendimento e a igualdade de oportunidades, a preservação do ambiente e do património, a promoção do emprego e da segurança social.

Que a Europa é o presente e o destino de Portugal, o reencontro de Portugal consigo mesmo e a sua vocação global. Que democracia e integração europeia significam, na prática, a mesma coisa, porque queremos a nossa democracia vinculada ao modelo social europeu, isto é, empenhada no desenvolvimento, na modernização e no combate às desigualdades. Somos, por isso, participantes ativos da construção europeia, que entendemos como a melhor garantia para a paz entre as nações e para a afirmação con-

junta de um papel progressivo da Europa no mundo.

Que a democracia é um combate, exige empenhamento permanente com os valores e ação constante em seu favor. Fundar a democracia exigiu lutar contra a ditadura, promover a cooperação entre os povos que falam a língua portuguesa exigiu romper com o passado colonial e a tentação neocolonial, defender a liberdade exige recusar a intolerância e a exclusão, construir a Europa exige afrontar a ascensão dos nacionalismos e dos populismos e bater-se contra o ódio, ser patriota exige afirmar o direito inalienável a sermos nós a decidir o nosso destino, em conformidade com a nossa Constituição e as nossas leis.

Que a política é uma nobre e imprescindível função pública e o primado da política é uma condição necessária da democracia. Não há democracia sem instituições sólidas e respeitadas, parlamentos representativos, partidos políticos e forças sociais, debate intenso, tolerância e reconhecimento recíproco, e é sobre o pluralismo e a diversidade que se erguem, em democracia, a identidade e

a unidade nacional.

Que a liberdade é, em si mesmo, o valor primeiro, o que confere pleno sentido à igualdade e à fraternidade. A liberdade de ser, de pensar, falar e agir, a liberdade de expressão, reunião e associação, a liberdade religiosa, a liberdade de imprensa, a liberdade sindical, a liberdade tolerante, o direito à dissidência e a rebeldia contra as ortodoxias, os donos da verdade e as polícias do pensamento, a liberdade de ir contra a corrente e ser incómodo, em suma, sem reservas nem fingimento, a liberdade.

E que, para desenvolver Portugal, é preciso conhecer Portugal e os Portugueses, estudar a sua história, cultivar a sua literatura, acarinhar os seus artistas, calcorrear o território e conviver com as pessoas, situar Portugal na Europa e no mundo e não temer abri-lo ao mundo, pelo contrário, combater o isolacionismo e o obscurantismo, é preciso amar o povo e fazer da melhoria da sua condição o compromisso de todos os dias. Isto nos ensinou Mário Soares e por isso lhe devemos tanto. Do fundo do coração, obrigado, Mário Soares. ■



TESTEMUNHO DE

JOSÉ MANUEL DOS SANTOS

10 de janeiro de 2017

**MÁRIO SOARES,
O PS
E A LIBERDADE**

Um dia perguntaram-me quais são as três palavras que melhor dizem o que fez e o que foi Mário Soares na política. Eu respondi então o que respondo agora: a primeira palavra é liberdade; a segunda também é liberdade; e a terceira ainda é liberdade. Todas as outras vêm depois e por causa destas três.

É pela liberdade, pela ubiquidade da liberdade, que vem a igualdade (de direitos, de oportunidades, de possibilidades). É pela liberdade, pela continuidade da liberdade, que vem a justiça social (emprego, trabalho com dignidade pago com integridade, tempo livre e libertador). É pela liberdade, pela contiguidade da liberdade, que vem a solidariedade (nos momentos de imploração e nas situações de exclusão). Foi em nome da liberdade que Soares, nos seus governos,

que são os governos mais reformistas e mais duradouramente eficazes de todos os que vieram depois do 25 de Abril, construiu o Estado Social de Direito. Isto é: o Estado de Direito e o Estado Social, um com o outro, um do outro e um para o outro.

É à palavra liberdade que o seu nome esteve, está e estará ligado. E foi à liberdade que ele ligou para sempre o nome do PS - à sua aura, ao seu prestígio, à sua força. A seguir ao 25 de Abril, num país que parecia ter saído de uma ditadura para entrar logo noutra, foi o PS que afirmou, alto e bom som, que Portugal tinha o direito de ser um país livre. Isto é, uma democracia europeia, pluralista e pluripartidária. Por isso, se disse que, entre uma direita à sua direita que, salvo poucas exceções, tinha sido salazarista, e uma esquer-

da à sua esquerda que, salvo raros desvios, não deixava de ser estalinista, o PS era "a fronteira da liberdade".

Este caminho para a liberdade não foi, então, nem evidente, nem linear, nem simples. E menos ainda foi fácil, consensual, ou pacífico. Acusado pela direita de estar feito com a "esquerda totalitária" e pela esquerda de estar feito com a "direita fascista", o PS aprendeu a fazer-se consigo próprio - a construir a sua identidade, a sua feição, a sua afeição, o seu rosto. Foi ao fazer isso que se tornou novo, mesmo entre os partidos socialistas, sociais-democratas e trabalhistas da Internacional Socialista.

Pouco antes de morrer, André Malraux disse (e Soares repetia isso com muito orgulho) que, com o PS português e pela primeira vez na história do mundo, os mencheviques tinham vencido os bolcheviques. E outros afirmaram que Soares tinha desmentido, ao mesmo tempo, Salazar e Cunhal, quando ambos afirmavam que, "entre nós e os comunistas - ou entre nós e os fascistas - não há mais nada". Para Mário Soares, a liberdade era um instinto, uma vitalidade, antes de ser uma política e uma moral. Foi por causa da liberda-

de que lutou contra a ditadura. Foi por ela que foi preso, deportado, exilado. Foi por ela que saiu do Partido Comunista. Foi por causa da liberdade que nunca justificou o injustificável. Foi por ela que nunca faz da cegueira uma visão. Foi por ela que nunca aceitou que se matassem pessoas para que as ilusões pudessem viver. Foi por causa da liberdade que se recusou a construir os amanhã que cantam sobre os hojes que choram. Foi por ela e com ela que fundou o Partido Socialista. Foi por ela que a sua voz se levantou, invencível, na Fonte Luminosa. Foi por ela que governou e presidiu.

E, mais recentemente, foi também em nome da liberdade que denunciou as manhãs que fazem mega-ricos à custa das tardes que fazem infra-pobres (um dia, ouvi-o conversar, em Olinde, com o arcebispo Dom Helder Câmara sobre o seu livro "O Escândalo dos Infra-Homens"). Foi por causa da liberdade que, se antes condenara o capitalismo de Estado e a sua opressão, depois acusou o capitalismo de casino e o seu despotismo. Foi em nome da liberdade que não aceitou a sujeição da política à economia e o domínio desta sobre tudo e sobre todos. Foi assim, porque Soares sabia que só

a política pode dar à democracia o poder que garante a liberdade de cada um, para todos - e a liberdade de todos, para cada um. Os seus anos do fim foram feitos de dias de fúria e de furor. Também de sublevação, de insubmissão, de indignação por ver a liberdade mais uma vez ameaçada e desfigurada. Ameaçada e desfigurada por aqueles que dizem defendê-la, negando-a. Como outros, no passado, estes, no presente, usam, afinal, o nome dela - abusam do nome dela - para melhor a domesticarem e para assim a anularem. Guardar a memória de Mário Soares, fazendo-a viva, inspiradora, motivadora, indutora, perigosa (no sentido mais poético desta palavra), é continuar a dizer que a liberdade não é esta mísera e mesquinha máscara com que a querem confundir - e com que nos querem confundir. Dizer a liberdade - e agir pela liberdade - não é um arcaísmo ou um dever cediço, fora de moda, ingénuo ou inútil. É, outra vez, a obrigação, a responsabilidade e a luta mais urgente, mais grave, mais necessária do nosso tempo. Foi esse combate que fez sempre, dos momentos perdidos, momentos ganhos. Assim foi a vida livre de Mário Soares e, com a dele, a nossa. ■

A morte de Mário Soares causava-me um sentimento de impotência que me dificulta o distanciamento necessário para falar do "homem político", do "pai da democracia" ou do "amante da liberdade" que todos, e eu também, reconhecem nele. Por isso, não vou repetir o que tantos disseram já sobre o que ele representa para o nosso País. Isso a História registará. Mas tendo convivido intensamente com ele nos 10 anos da sua Presidência, guardo desses anos memórias impressionantes e como tal difíceis de verbalizar. Talvez se eu fosse poeta e juntassem as palavras que me ocorrem saísse um poema... Liberdade, coragem, intuição, alegria, destemor, audácia, desafio, provocação, fúria, ternura, curiosidade, força, teimosia, visão, esperança, capricho, descoberta... Não o sendo, resta-me tentar um testemunho muito pessoal, memórias que guardo dele.

O que me fascinava em Mário Soares era o seu espírito indomável, a vontade de vencer obstáculos, a capacidade de surpreender e estar sempre alguns passos à frente do momento presente. Quando, como era seu hábito naqueles tempos, me chamava para saber "novidades", sempre

me surpreendia a sua capacidade de dar sentido ao que parecia insignificante. Aprendi com Mário Soares que a política é uma arte que requer vocação, sensibilidade e carisma, características que ele aliava a uma cultura humanística ímpar que o fazia sentir-se melhor entre escritores e artistas do que entre engenheiros ou empresários.

A sua curiosidade permanente e o seu interesse pelas pessoas levavam-no a dizer que gostaria de ter sido jornalista e talvez por isso procurava o convívio com eles quer em deslocações no país e no estrangeiro, em atos oficiais ou em encontros informais, onde deliciava todos com as suas fantásticas histórias de vida. O carro oficial durante uma deslocação, a mesa do restaurante, um passeio a pé, eram lugares disponíveis para uma entrevista, uma confidência, uma conversa.

Mário Soares era um "modelo" apetecível para repórteres de imagem, nunca se furtando a solicitações para um bom "boneco", alguns destes deram a volta ao mundo, fosse na Índia em cima de um elefante, nas Seychelles em cima de uma tartaruga, na praia do Vau cumprimentando uma banhista em topless ou

dormitando numa sessão solene. E quando algum de nós o advertia para as críticas dos mais puritanos dizia, desprendido, "deixe lá, isso não tem importância nenhuma". Nunca aliás deixou de ser ele próprio mesmo quando, no início do primeiro mandato presidencial, a sua Casa Militar tentou, por exemplo, que o seu caminhar bamboleante e informal se adequasse à "revista às tropas" numa parada militar.

Mário Soares era além de um político de dimensão superior uma personalidade fascinante, a um tempo afetivo e colérico, capaz de ser muito duro com um seu colaborador para logo a seguir se espantar se este se mostrasse magoado ou ofendido. Não conheci rancores a Mário Soares. Mas se um amigo lhe faltasse com a lealdade que esperava dele, não esquecia facilmente. Estimava os seus colaboradores, mantendo com eles uma relação não apenas profissional, interessando-se genuinamente por conhecer os seus familiares. Quase no final do segundo mandato, convidou para Nafarros os seus assessores e respetivos cônjuges a quem depois de um simpático almoço guiou numa visita aos jardins criados pelo seu gran-



TESTEMUNHO DE

ESTRELA SERRANO

11 de janeiro de 2017

**MÁRIO SOARES,
UM TESTEMUNHO
MUITO PESSOAL**

de amigo, arquiteto Ribeiro Teles, explicando detalhadamente cada árvore e cada planta, espantando os convidados com os seus conhecimentos sobre agricultura e botânica e com o seu amor pela natureza.

Ficam célebres as suas sextas no Palácio ou durante as presidências-abertas em casas particulares de pessoas comuns que, conhecendo esse seu hábito, ofereciam as suas casas para o Presidente descansar. Apreciador da boa comida, preferia um arroz de tomate com pataniscas a um sofisticado pavão servido num jantar de gala. Apesar dos seus gostos simples, era exigente em pequenas coisas, como os ovos estrelados que tinham de ter a gema mole e a clara firme e que não poucas vezes mandou para trás em restaurantes de estrada

onde parávamos para uma refeição mais rápida durante uma deslocação no país.

Mário Soares nunca foi moldável a técnicas de comunicação e se aceitava que algum assessor aconselhasse a cor da gravata mais adequada a um cenário para uma entrevista televisiva, era impossível fazer com ele o chamado "media training". A comunicação era para Mário Soares como o ar que respirava. Era um comunicador nato que fazia vibrar a assistência quando discursava como quando relatava uma das muitas histórias que viveu.

A História não registará muitas das facetas do seu caráter e da sua personalidade. Mas os que com ele conviveram em diferentes fases da sua vida guardarão memórias de um homem a quem ninguém podia ficar indiferente. ■

TESTEMUNHO DE
PEDRO REIS

11 de janeiro de 2017

O MEU **MÁRIO SOARES**



Mário Soares era um homem afetuoso, impaciente e, às vezes, colérico. Mas passava-lhe rápido. Minutos após se ter zangado, já não era nada com ele, mudava de assunto e parecia que não tinha acontecido nada. Esta sua personalidade tinha a ver, julgo eu, com o facto de viver a vida em excesso de velocidade. Não tinha, por isso, tempo para grandes angústias ou rancores, como não tinha paciên-

cia para os pormenores. Mas era um observador nato, característica que me fascinava e deliciava. Percebia tudo o que se passava à sua volta, detetava gestos, olhares ou frases que nos passavam despercebidos, e atribuíam-lhes uma causa ou um significado. O futuro, em regra, dava-lhe razão. A leitura era a que ele tinha feito, com tanta facilidade e rapidez. Recordo, com saudade, as vezes

em que entrava no seu gabinete e ele, sentado à secretária, me olhava por cima dos óculos e lançava o "então diz lá". E o diz lá podia ser coisa importante ou coisa sem importância nenhuma, porque Mário Soares não resistia a uma boa conversa fosse sobre que tema fosse. Nas deslocações pelo país, passei muitas e muitas horas com ele, no carro. Nessas alturas, o tempo era dividido entre uma sesta, a explicação do programa que ia fazer a seguir e muita conversa. Recebi conselhos, ouvi reprimendas e aprendi muito sobre história e sobre figuras da nossa história. Ao seu lado cresci, casei, tive a minha primeira filha. Mas tinha muitas vezes a sensação de que, para ele, continuava a ser o miúdo que conheceu no início. Naqueles anos de Belém, não tínhamos vida própria. Vivíamos em função de, e para, o Presidente. E gostávamos. Eu gostava,

e tenho saudades desses dias. Vivemos tempos difíceis e, como Presidente, teve de tomar decisões complicadas e arriscadas. Tudo ultrapassou, pois a natureza dotou-o de uma enorme coragem, intelectual e física, que tantas vezes testemunhei. Naturalmente que tinha dúvidas e a noção de que, muitas vezes, se enganou. Mas tinha a inabalável certeza de que, no essencial, no que realmente contava, esteve do lado da razão e, muitas vezes, foi ele a própria razão. Estas são linhas escritas a correr, que não abordam as qualidades políticas de Mário Soares, e o que o País e a democracia lhe devem. Milhares de textos foram escritos nesse sentido nos últimos dias. É um pequeno testemunho sobre um homem, um grande homem, com quem tive a felicidade e o privilégio de ter trabalhado. Muitas vezes, conhecemos as pessoas pela tele-

visão, pelos jornais ou pelos livros, e fazemos delas uma ideia. A nossa ideia. Depois, nas voltas da vida, cruzamo-nos ou privamos com essas pessoas e ficamos desiludidos. Mário Soares, em tantos anos de trabalho e convívio, nunca me desiluiu. Foi sempre ele próprio, nos bons e maus momentos. Marcou-me e será sempre uma referência na minha vida, que ficou infinitamente mais pobre e mais triste com a sua partida. François Rabelais, um fascinante autor do século XVI, escreveu que, "morrendo, vou em busca de um grande talvez". Mário Soares, o agnóstico que adorava a vida e nunca quis perder tempo a pensar na morte, foi agora em busca do seu talvez. A nós, deixou-nos a certeza de que não o esqueceremos e um legado que saberemos respeitar. Adeus e até sempre, meu Presidente e Amigo! ■



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Voto de Pesar pelo falecimento de Mário Soares

É com profundo pesar que a Assembleia da República assinala o falecimento de Mário Soares.

Com o seu desaparecimento assalta-nos um sentimento de perda. Mas o exemplo perdura.

A sua marca é demasiado grande para ser esquecida. Nela encontrarão as novas gerações a força e a inspiração para ultrapassem os desafios e darem continuidade ao seu impressionante legado.

Um legado de coragem política, de patriotismo democrático e de abertura ao mundo.

Mário Soares abraçou desde cedo a política como vocação.

Enquanto jovem advogado destacou-se pela defesa de vários presos políticos.

As corajosas atividades de oposição à ditadura, já travadas ao lado de Maria de Jesus Barroso, valeram-lhe a prisão, a deportação e o exílio.

O lema de vida de Mário Soares foi sempre o mesmo: "só é vencido quem desiste de lutar".

Em 1996, tinha sido tudo: Ministro, Primeiro-Ministro, Presidente da República. Já tinha o seu lugar na História.

Contudo, atento às tendências de cada momento histórico e curioso em relação às novas gerações, preferiu continuar a lutar e a pensar no futuro.

Lutou até ao fim, e com isso, deixa-nos um exemplo ímpar de Cidadania Política.

Se a Política era a vocação de Mário Soares, a Liberdade era a sua causa.

Mário Soares tinha a intuição dos grandes políticos e a visão dos grandes estadistas.

Antecipava os grandes movimentos do seu tempo, e com isso beneficiou o País para melhor se posicionar perante os desafios históricos.

Foi antifascista durante a ditadura, e anticolonialista quando a ditadura se dizia "orgulhosamente só".

Desde o momento da sua chegada a Santa Apolónia, no "Comboio da Liberdade", nunca perdeu de vista aquilo que era, para si, o essencial.

Procurou sempre liderar os acontecimentos, e o País inteiro acabou por apanhar o "Comboio da Liberdade".

Como Deputado à Assembleia Constituinte e à Assembleia da República honrou o parlamentarismo e a atividade parlamentar.

Duas vezes Primeiro-Ministro, deixou as bases do Estado Social e a adesão à então Comunidade Económica Europeia.

Foi Presidente da República entre 1986 e 1996. Nessa qualidade prestigiou o Estado português e influenciou o entendimento que temos hoje do cargo presidencial.

O Portugal democrático, tolerante e solidário; o Portugal do mar, europeu e aberto ao mundo, é o País de Mário Soares.

Isso é reconhecido pelo País e pelos países amigos e aliados de Portugal, como temos testemunhado ao longo destes dias.

Mário Soares era um democrata português, e nesse sentido um cidadão aberto ao mundo.

O Partido Socialista, força estruturante da democracia portuguesa, da qual era o militante número 1, foi fundado ainda durante o seu exílio.

Enquanto Secretário-Geral do PS, Mário Soares era um dirigente influente da Internacional Socialista, o que viria a concorrer, de forma relevante, para o sucesso da democratização portuguesa e da integração europeia de Portugal.

Mas mesmo enquanto Secretário-Geral do PS, não hesitou em ficar quase só para defender o seu pensamento sobre Portugal e sobre a democracia.

Na Presidência da República esteve atento aos movimentos sociais e aberto ao mundo das ideias e da cultura, com o qual teve sempre uma cumplicidade genuína.

Cometeu erros certamente, mas sempre entendeu a política democrática como uma atividade apaixonante, feita de vitórias mas também de derrotas, assente em escolhas claras e convicções fortes.

Todos estiveram alguma vez ao lado dele e contra ele. Ao mesmo tempo, todos lhes reconheciam a lealdade institucional e a tolerância com a diferença.

Era laico, republicano e socialista, e ao mesmo tempo presidiu à Comissão de Liberdade Religiosa, porque sempre entendeu o pluralismo como um valor maior.

O seu exemplo de tolerância ajudou o País a unir-se e a reconciliar-se consigo mesmo, depois das tensões próprias de uma ditadura longa e do período revolucionário que se lhe seguiu.

Se hoje Portugal se distingue na Europa e no Mundo pelo seu grau de coesão nacional, deve-o muito ao contributo liderante de Mário Soares.

O sentimento de perda é assim acompanhado por um sentimento de gratidão eterna.

Reunida em Sessão Plenária, a Assembleia da República assinala o seu falecimento, transmitindo aos filhos, Isabel Soares e João Soares, Deputado à Assembleia da República, à sua família e a todo o Partido Socialista, o mais sentido pesar.

Palácio de São Bento, 11 de janeiro de 2017
As Deputadas e os Deputados,



MENSAGEM DE

ANTÓNIO GUTERRES

Nova Iorque, 9 de janeiro de 2017

OBRIGADO MÁRIO SOARES

POR TANTA ENTREGA AO PAÍS E AOS PORTUGUESES

Portugal perdeu o pai da Liberdade e da Democracia, a personalidade e o rosto que os portugueses mais identificam com o regime nascido a 25 de Abril de 1974, "O dia inicial inteiro e limpo/ Onde emergimos da noite e do silêncio", de que falava a sua amiga Sophia e pelo qual tanto se bateu Mário Soares ao longo de toda a sua vida. Combate que o moveu até ao fim.

Com o seu desaparecimento, o Partido Socialista acaba de sofrer a maior das perdas imagináveis, a sua maior referência, o fundador e militante nº1, figura maior e indelével do socialismo democrático português e europeu, Mário Alberto Nobre Lopes Soares. O nosso muito querido camarada Mário Soares.

Este é um momento de profunda dor para todos os socialistas, que sabemos partilhada por tantos e tantos portugueses, que reconhecem em Mário Soares uma figura maior da nossa Democracia.

Sobre todos e sobre cada um dos socialistas portugueses fica a imensa responsabilidade de saber estar permanentemente à altura do legado deste gigante do socialismo democrático, da Democracia e da Liberdade. Mário Soares continuará a ser uma referência incontornável, um exemplo e um motivo de orgulho para todos

nós. É sentidamente que o dizemos, num momento tão difícil como este: Mário Soares estará connosco para sempre.

Antes e depois do 25 de Abril, na resistência à ditadura e a todas as tentativas totalitárias, e até ao fim da sua vida, Mário Soares foi sempre um incansável combatente pela Liberdade e pela Democracia em Portugal, sofrendo na pele a perseguição, a prisão e o exílio impostos pela ditadura.

Foi um grande servidor da causa pública, como deputado, eurodeputado, ministro, primeiro-ministro e Presidente da República, cargo cuja forma como exerceu moldou para sempre a maneira como os portugueses olham para a função presidencial, sabendo ser sempre o Presidente de todos os portugueses.

Foi também Mário Soares que esteve na génese da ade-

Camaradas e amigos,

O falecimento de Mário Soares deixa-nos a todos uma enorme mágoa. Como declarei quando recebia a notícia, foi com profunda emoção e um agudo sentimento de perda que soube que Mário Soares já não estava fisicamente entre nós.

Embora à distância, tenho assistido comovido às sentidas homenagens que têm sido prestadas a Mário Soares por parte de inúmeros concidadãos nossos que atestam bem quão querido, quão importante e quão marcante foi Mário Soares para o povo português.

Mas é em nós, socialistas, que a saudade é mais funda porque morreu o nosso fundador, o amigo, o eterno militante número um do nosso partido, o companheiro de tantas batalhas e o protagonista maior do valor primeiro que nos guia - a liberdade!

Obrigado Mário Soares por tanta entrega ao País e aos portugueses através do Partido Socialista. O teu legado é também património nosso e a garantia de que permaneceremos sempre um Partido de homens e mulheres livres que saberão honrar e defender os valores da democracia aos quais, com coragem, dedicaste toda uma vida. ■



MENSAGEM DA SECRETÁRIA-GERAL ADJUNTA

ANA CATARINA MENDES

7 de janeiro de 2017

SOARES É FIXE. ATÉ SEMPRE, MÁRIO SOARES

são de Portugal à então CEE, tendo anos depois sido assinado o tratado de adesão, em 1985, em cerimónia realizada no Mosteiro dos Jerónimos e que faz parte da nossa memória coletiva.

Mário Soares é uma figura ímpar e inesquecível da História de Portugal, um combatente pela conquista da Liberdade e pela consolidação da Democracia.

À sua família, em particular aos seus filhos João e Isabel e aos seus netos, e a todos os seus muitos amigos e camaradas, o Partido Socialista apresenta os mais sentidos votos de pesar, neste momento tão difícil que todos partilhamos.

Como será certamente partilhado por todos os socialistas, "Soares é fixe".

Até sempre, Mário Soares. ■

